

## Vinícius Lummertz\*

### O Brasil subiu e as novelas ficaram

O Brasil mudou de lugar ao longo das últimas décadas, ainda que de forma desigual, incompleta e marcada por contradições persistentes, mas as novelas, em grande medida, continuam onde sempre estiveram, apoiadas em uma estrutura narrativa que se repete com poucas variações e que parece cada vez menos capaz de dialogar com o país que emergiu fora da tela.

Há mais de meio século, a teledramaturgia brasileira se organiza em torno de um mesmo eixo: o casarão, a família ampliada, a elite que herda poder e a convivência entre classes mediada por relações pessoais, compondo um retrato que dialoga com o imaginário de Casa-Grande & Senzala, no qual as relações sociais se estruturam mais pela proximidade do que pela mobilidade.

Modernizaram-se cenários, linguagem, costumes e estética, mas o essencial permaneceu praticamente intacto. A estrutura social segue pouco dinâmica, a mobilidade raramente ocupa o centro da narrativa e o poder dificilmente se desloca de forma efetiva ao longo dos capítulos. O casarão mudou de endereço, mas não de lógica.

Nesse ambiente, a elite costuma ser apresentada como um espaço de conforto, muitas vezes dissociado do esforço produtivo, enquanto os conflitos se concentram em intrigas pessoais, disputas afetivas e ressentimentos familiares. Os núcleos populares surgem como contraponto simpático, com personagens frequentemente retratados como satisfeitos, sem que haja transformação real que espelhe o esforço cotidiano de milhões de brasileiros.

O resultado é uma dramaturgia da imobilidade e, mais do que isso, uma dramaturgia que abdica de representar aquilo que milhões de brasileiros desejam enxergar em si mesmos: a possibilidade concreta de superação, de mudar de patamar e se tornar classe média próspera.

O país real não ficou parado. Ao contrário das novelas, moveu-se e passou a expressar, de forma difusa, mas consistente, uma vontade de ascensão que atravessa diferentes camadas da sociedade e se materializa, sobretudo, no mundo do trabalho.

Hoje, o Brasil supera 100 milhões de pessoas ocupadas, e mais de 70% dos empregos formais estão ligados a micro, pequenas e médias empresas, enquanto os pequenos negócios respondem por cerca de 30% do PIB e sustentam a renda de dezenas de milhões de famílias. São mais de 15 milhões de microempreendedores individuais, muitos vivendo ciclos contínuos de tentativa, erro e recomeço, em uma dinâmica que revela uma busca persistente por mobilidade social.

Essa mobilidade não ocorre em saltos espetaculares, mas em movimentos lentos e acumulativos, muitas vezes medidos em anos de trabalho, em meses de esforço contínuo, em pequenas conquistas que, somadas, permitem

a milhões sair da vulnerabilidade para uma condição mais estável.

É justamente essa lógica de superação gradual, imperfeita, mas real, que permanece sub-representada nas novelas, embora existam milhões de casos concretos todos os dias.

O Brasil que trabalha, empreende, se endivida, se reorganiza e insiste em avançar aparece pouco como protagonista. A classe média emergente, os profissionais liberais e os pequenos empresários permanecem periféricos, como se a mobilidade fosse exceção, quando, na prática, se tornou uma das principais forças silenciosas da sociedade brasileira.

Nas tentativas de atualização, a dramaturgia realizou um movimento incompleto: saiu da imobilidade para a violência, introduzindo tensão e realismo, mas deixando ausente o elemento central das grandes narrativas, a transformação sustentada pelo esforço.

Essa ausência não é apenas estética, é cultural. Ao não representar a mobilidade social como processo possível, a dramaturgia enfraquece a ideia de superação como horizonte coletivo e reduz o espaço simbólico onde o brasileiro pode se reconhecer como agente de mudança.

Enquanto isso, outras esferas culturais passaram a ocupar esse espaço, como o crescimento das igrejas evangélicas e a difusão da teologia da prosperidade, que oferecem uma narrativa direta de ascensão, conectando fé, disciplina e melhoria de vida.

O mundo mudou, o público mudou e o Brasil também mudou. Há hoje um país que já não se reconhece plenamente no modelo do casarão e da intriga permanente, mas que busca histórias que reflitam sua luta concreta por mobilidade.

As novelas não perderam só talento, mas perderam sintonia. A saída não está em abandonar sua tradição, mas em recolocar no centro da narrativa aquilo que hoje define o Brasil real: a superação como processo e a mobilidade como possibilidade.

Porque não basta mostrar desigualdade, é preciso mostrar movimento. Não basta mostrar conflito, é preciso mostrar transformação. Não basta mostrar violência, é preciso mostrar caminhos.

Se conseguirem fazer isso, poderão manter parte do lugar central que tiveram por tanto tempo, não apenas como entretenimento, mas como expressão viva de um país que, apesar de todas as dificuldades, continua, com barulho ou silenciosamente, tentando subir. É o que mantém o país à tona.

**\*Vinícius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**

## EDITORIAL

### De Ormuz ao Vermelho, o perigo da guerra do Irã

A hipótese de o Irã passar a bloquear navios no Mar Vermelho projeta um cenário de forte instabilidade geopolítica, com repercussões diretas e indiretas sobre a economia global e o equilíbrio político internacional. Trata-se de uma das rotas marítimas mais estratégicas do mundo, responsável por parcela significativa do comércio entre Europa, Ásia e Oriente Médio. Qualquer interrupção nesse fluxo não seria apenas um episódio regional, mas um choque sistêmico com efeitos em cadeia.

Do ponto de vista econômico, o impacto imediato seria a elevação dos custos logísticos e dos preços de commodities, especialmente petróleo e gás. O encarecimento do frete marítimo e o aumento dos prêmios de risco nos seguros tenderiam a pressionar a inflação em diversos países, inclusive aqueles já fragilizados por ciclos recentes de instabilidade. Cadeias globais de suprimentos, ainda em processo de recomposição após crises anteriores, sofreriam novos atrasos e rupturas, afetando desde a indústria até o abastecimento de bens essenciais.

Politicamente, a medida ampliaria tensões já latentes no Oriente Médio e poderia provocar uma reação coordenada de potências ocidentais e aliados regionais. O bloqueio seria interpretado como afron-

ta à liberdade de navegação, princípio basilar do comércio internacional, elevando o risco de confrontos militares diretos ou indiretos. Além disso, fortaleceria discursos de polarização global, consolidando blocos antagônicos e reduzindo espaços para negociações diplomáticas. Organismos multilaterais também seriam pressionados a atuar, ainda que com eficácia limitada diante de interesses conflitantes, o que pode agravar a sensação de ineficácia institucional.

Outro efeito relevante seria o reposicionamento estratégico de países dependentes da rota, que poderiam buscar alternativas logísticas mais longas e caras, como o desvio pelo Cabo da Boa Esperança. Essa mudança, ainda que temporária, implicaria perda de eficiência econômica e aumento das emissões de carbono, adicionando uma dimensão ambiental ao problema.

Em síntese, um eventual bloqueio no Mar Vermelho pelo Irã transcenderia a lógica de disputa regional e se converteria em um fator de desordem global. Em um mundo já marcado por incertezas, a medida aprofundaria fragilidades econômicas e ampliaria o risco de escalada militar, evidenciando a interdependência, e a vulnerabilidade, do sistema internacional contemporâneo.

## Opinião do leitor

### Apoio

Papa Leão XIV reage e diz que “não tem medo” de Trump: “Vou seguir firme contra a guerra, há um caminho melhor”. Meu total apoio ao Papa, ainda que tão pequeno. A paz é possível...

*José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal*

### O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



#### HÁ 95 ANOS: GOVERNO É NOTIFICADO DA INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA NA ESPANHA

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de abril de 1931 foram: Governo Provisório é notificado da instauração da República na Espanha. Câmara dos Comuns inglesa rejeita a moção de des-

confiança ao governo MacDonald por 305 votos. Corte italiana de luto com a morte do Duque de Gênova. Vargas saúde a família real britânica pela passagem ao Brasil e deseja boa viagem na volta.

#### HÁ 75 ANOS: MENDES DE MORAES PEDE DEMISSÃO DO CARGO DE PREFEITO DO DF

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de abril de 1951 foram: Tropas Aliadas ocupam, sem usar armas, a Linha Maginot na Coreia do Norte. General Mendes de Moraes pede demissão do cargo de prefeito do Distrito Federal. Comissão do PTB da Bahia é aconselhada a pedir renúncia. Ministro do STF Laudo de Camargo é homenageado pelo Tribunal de Justiça do Espírito Santo

### Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.